

AUDITIVO

seu conteúdo musical



**Será o
fim dos
toca-discos?**

[confira reportagem - págs. 8 e 9]



[economia & negócios]
[história]

Charles Antunes Leite aponta os erros da indústria fonográfica (página 3) e revisita a Bossa Nova (página 6)



[cultura]

Julio César Murena descreve como Madonna faz para ficar ainda mais bela e mostra a trajetória da cantora (páginas 4 e 5)



[tecnologia]

Paulo Cabral Será o fim dos toca-discos? O que os DJs acham das novas tecnologias? (páginas 8 e 9)



[saúde]

Cristiane Peixoto fala sobre a história da Musicoterapia e como a técnica pode tratar doenças (páginas 10 e 11)



[agenda]

Elisângela Moraes separou algumas dicas de shows que acontecem em Sampa no mês de novembro (página 12)



[esporte/games]

José Renato Cordoni Jr. destaca as novidades da nova versão do game Guitar Hero (página 12)



[educação]

Kamila Bastista Garcia aponta as necessidades para se cursar Música. O que é obrigatório? (página 12)



[profissão]

Tarcila Zonaro retrata o dia-a-dia de um fabricante de instrumentos: o famoso *Luthier* (página 13)

[editorial]

A música dá sentido a vida!

Por Rodrigo Cezaretti

Em cada segundo da nossa existência estamos cercados por situações que nos remetem a essa forma de cultura. Desde muito cedo, diversas canções estão presentes no cotidiano. Vamos pensar por um outro lado: **quem nunca criou uma trilha sonora para sua própria vida?**

Talvez numa decepção amorosa, ou em uma conquista inesperada, todo ser humano elabora uma composição harmônica que represente aquele momento.

O aglomerado dessas sensações nos locomove para nossas decisões. Com certeza, a música estará presente nelas. Nas comemorações ou para depreciar uma derrota, quem nunca se olhou no espelho e, cantando, achou que poderia dominar o mundo?

Tirando o lado humano da música, podemos entender essa vertente da cultura como algo extremamente rentável. O mercado fonográfico movimenta milhões de dólares todos os anos. Essa verdade só foi abalada com a quebra de direitos autorais ocorrida com o surgimento do MP3 e dos programas P2P.

Qual o Futuro da música?

Nessa matéria especial, Charles Antunes discute até onde esse mercado pode chegar, e quais são as perspectivas.

O tema ainda é muito abrangente. Em mais duas matérias especiais, encontramos a música como pura diversão ou até tratamento de saúde. Julio César, no **Especial Madonna** e Cristiane Peixoto, na reportagem sobre **Musicoterapia**, esclarecem dúvidas sobre a rainha do pop, e o efeito terapêutico que a música pode alcançar, respectivamente.

A reportagem principal elaborada por Paulo Cabral foca um personagem muito peculiar das noites paulistanas: o **DJ**. Suas preferências pelo vinil ou CD e uma nova perspectiva de mercado são mencionadas, esclarecendo esse universo tão particular, mas que move multidões.

Existem muitas formas de analisar a música. Seja como diversão, trabalho ou simplesmente como um escape cotidiano, a importância na vida de todos é gigantesca. Seus significados e escolhas nos acompanham por toda nossa existência.

De Beethoven a Elvis, o que importa, na verdade, é a sua diversão.
Viva sempre isso!



AUDITIVO é um jornal laboratório dos alunos do 4º semestre de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Sant'Anna.
Editor chefe: Rodrigo Cezaretti. **Chefe de redação:** Tarcila Zonaro.
Repórteres: Charles Antunes Leite, Cristiane Peixoto, Elisângela Moraes, José Renato Cordoni Jr, Julio César Murena, Kamila Bastista Garcia e Paulo Cabral.
Editora de arte: Tarcila Zonaro. **Professor responsável:** André Rosa
Novembro de 2008

CD pode virar peça de museu

Por Charles Antunes Leite

Os consumidores de música estão deixando de comprar CDs. Desde 2004, ocorre queda progressiva no faturamento das gravadoras. Em 2007, arrecadaram em torno de R\$ 312,5 milhões, conforme aponta a Associação Brasileira dos Produtores de Discos (ABPD).

Com a chegada de gravadoras multinacionais ao país no final da década de 50, a música deixou de ser cultura para se tornar negócio. A inscrição nas capas dos álbuns “disco é cultura” tornou-se apenas um *slogan* sem significado.

Na década de 90, a internet se desenvolveu, surgiu o formato MP3 e facilitou a gravação de CDs piratas. Em 2003, as cópias ilegais abocanharam uma fatia de 59% do mercado, segundo a Associação Anti-Pirataria Cinema e Música (APCM).

O programa *Napster* surgiu e piorou ainda mais o desempenho do setor. Possibilitava o acesso a milhões de músicas, gratuitamente. As gravadoras e artistas se mobilizaram numa cruzada contra a ferramenta de busca de arquivos, até que fosse tirado do ar. No entanto, surgiram outros servidores para facilitar os *uploads* e *downloads*.

A Internet democratizou o acesso à informação.

A mobilidade dos *MP3 players* e *iPods* permite ao ouvinte levar consigo dezenas de álbuns no bolso. Obter uma gravação rara ou completar uma discografia, é possível pela imensa rede de contatos.

O preço alto do CD é o principal motivo alegado pelos usuários dos programas de compartilhamento de música. E essa via de fácil acesso às obras discográficas atrai cada vez mais pessoas interessadas em músicas e filmes.

Na calçada da Rua Augusta em São Paulo, são vendidas cópias em DVDs de filmes raros ou fora de catálogo como *Meus Caros Amigos*, de Mário Monicelli ou *Down by Law*, de Jim Jarmusch. Para o consumi-

dor, o que importa é o acesso à obra. Então, por que se privar desse prazer se as lojas especializadas não os oferecem?

Por outro lado a “quebra de braço” entre consumidores e gravadoras entre os anos de 1997 e 2005 criou o seguinte cenário: 3.500 lojas de discos fecharam, menos 80 mil empregos, além da perda de R\$ 500 milhões ao ano em impostos não arrecadados.

A APCM aponta que em 2007 foram apreendidos 6,2 milhões de CDs ilegais, 34% do mercado. O que contribuiu para um desempenho de 32,5% menor em relação ao ano anterior. O rigor das apreensões fez o número cair, porém a pirataria digital aumentou.

O que as gravadoras fizeram para reverter ou estabilizar o quadro?

Colocaram nas lojas, títulos em caixinha de papelão e sem encarte pela metade do preço. Os álbuns antigos, conhecidos como “fundo de catálogo”, passaram a ser vendidos na faixa de R\$ 12 ao consumidor final.

Atitudes como essas deveriam ter sido tomadas pelo menos há dez anos. O consumidor poderia ter sido educado para consumir o original oferecido pela gravadora, a preço bem reduzido ou ter a opção de compra de músicas avulsas.

Ainda existe o consumidor fiel ao disco colecionável, e que, se depender dele, o mercado continuará a existir.

O LP, formato em desuso no país desde 1996, está voltando a ser fabricado para a alegria de uma parcela de colecionadores e audiófilos.

É necessário haver um consenso entre gravadoras, artistas e consumidores quanto aos custos e *royalties*.

Sem receita não é possível haver produção musical.



Madonna: a bela e a fera

Por Julio César Murena

Mais de 18 mil dias se passaram desde que Madonna Louise Veronica Ciccone nasceu, em 16 de agosto de 1958, no Estado de Michigan, EUA.

Os 50 anos bem vividos não representam peso. Ao contrário, a Madonna que vemos agora tem se revelado mais bela, mais madura e muito mais disposta a mostrar que ela é, e continuará sendo, a rainha do pop mundial.

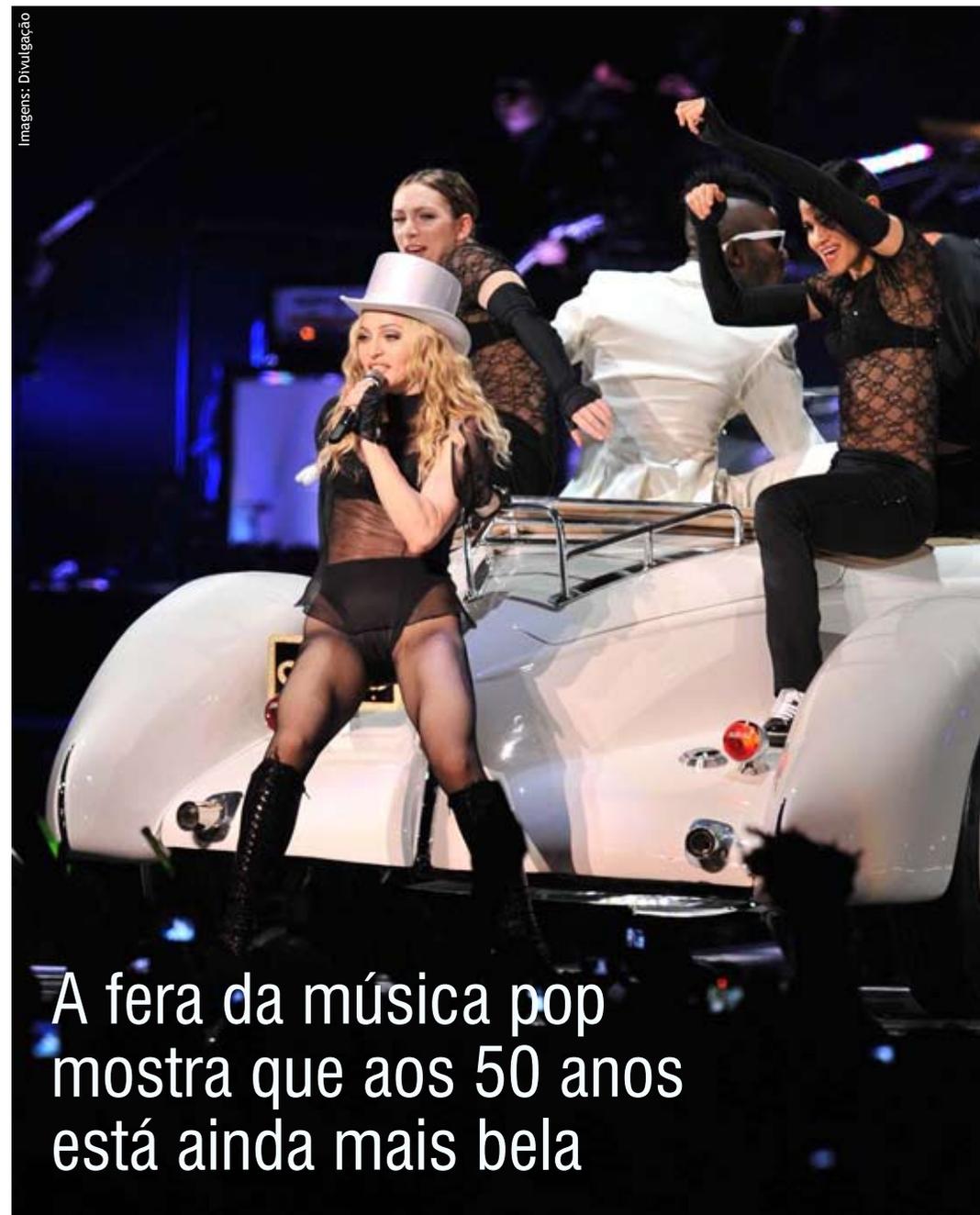
Em 1982 ela começou sua carreira sem a certeza do sucesso. Já em 1984, se eternizou ao som de *Like a virgin*, e lançou moda, quando no mesmo ano, subiu ao palco de premiação da MTV.

Com um sucesso atrás do outro, a *pop star* logo se tornou uma das celebridades mais promissoras do *show business* internacional e se rendeu à *Hollywood* ao atuar em seu primeiro longa, *Procura-se Susan Desesperadamente*, sucesso de bilheteria e de crítica.

Flexível e aberta a mudanças, se reinventou a cada novo álbum, polemizou e marcou o início de uma nova era para as mulheres: simulou cenas de sexo no palco, beijou um Jesus Cristo negro e em sua turnê *The Confessions Tour*, foi crucificada com uma coroa de espinhos.

Em uma declaração, o jornalista Pedro Bial comparou Madonna à Marilyn Monroe: “Ela não precisou morrer jovem para ser tão grande quanto o ícone de sensualidade dos anos 50”.

Entre os seus trabalhos mais polêmicos está o filme *Na cama com Madonna* (1991), que foi considerado um divisor de águas na vida da cantora e o livro *Sex* (1992), um álbum de fotos



A fera da música pop mostra que aos 50 anos está ainda mais bela

em que simulou cenas de sadomasoquismo e sodomia, o qual vendeu mais de um milhão de exemplares.

Mas, Madonna não é só música e polêmica. Há alguns anos ela vem se dedicando ao trabalho humanitário em campanhas pela África e adotou David Banda, seu terceiro filho.

Nem tudo em sua vida foram flores. A morte de sua mãe aos 30 anos, vítima de um câncer de mama, as brigas com seu irmão homossexual e as desavenças que a levaram a não falar com o pai por muitos anos, contribuíram para a busca frenética pela felicidade, que há quem diga: ela nunca encontrou.

Casou três vezes e se separou nas três, buscando formar a família que idealizou.

A mais recente separação ocorreu em agosto, quando o cineasta Guy Ritchie alegou que a busca exagerada de Madonna pela juventude estava atrapalhando o relacionamento.

Hoje, com uma fortuna estimada em 520 milhões de dólares e mais de 200 milhões de álbuns vendidos, é a mulher que mais vendeu discos na história da indústria fonográfica. “Madonna é exemplo. É um mito vivo”, afirmou Dinho Martins, membro do fã clube da cantora no Brasil.

Adepta da Cabala e da ioga, ela malha todos os dias para manter a forma, faz dieta e ainda ensaia com seus bailarinos uma série de coreografias para a sua nova turnê *Sticky & Sweet*, que vem ao Brasil dias 18, 20 e 21 de dezembro, no Estádio do Morumbi (Praça Roberto Gomes Pedrosa - s/nº - Morumbi - Informações: (11) 3749-8202).

LINHA DO TEMPO

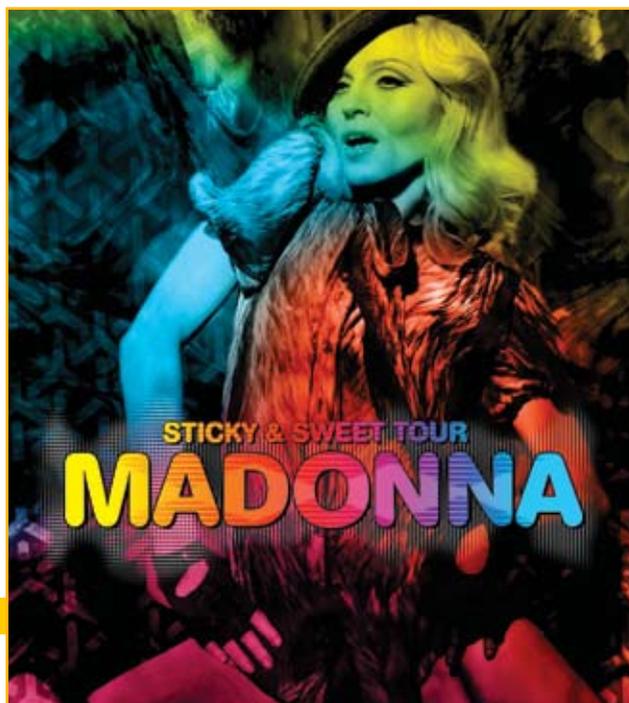


Madonna e seus filhos: Lourdes Maria, Rocco Ciccone e David Banda



Ilustração: Cláudio Murena

- 1958** Nasce Madonna ⁽¹⁾
- 1963** Morre a mãe da cantora, de quem ela herdou o nome
- 1978** Antes da fama: Madonna é violentada por um negro em Nova Iorque
- 1984** Sobe ao palco na premiação da MTV com *Like a Virgin* ⁽²⁾
- 1985** Filme *Procura-se Susan Desesperadamente* é sucesso de bilheteria ⁽³⁾
- 1990** Estréia a turnê *Blonde Ambition* ⁽⁴⁾
- 1991** *Na cama com Madonna*: polêmica e revolução sexual ⁽⁵⁾
- 1992** Lança o livro *Sex* e volta a falar com o pai em programa de TV ⁽⁶⁾
- 1996** O filme *Evita* chega aos cinemas: fracasso de bilheteria
- 1996** Chega ao mundo Lourdes Maria, filha da cantora com Carlos Leon
- 2000** Nasce Rocco Ciccone Ritchie, segundo filho com o cineasta Guy Ritchie
- 2005** Madonna lança seu primeiro livro infantil chamado *As Rosas Inglesas*
- 2006** A cantora adota David Banda, no Malawi
- 2008**



Madonna completa 50 anos de idade e 26 de carreira. O casamento com o cineasta Guy Ritchie chega ao fim. Lança o álbum *Candy Shop* e viaja o mundo com sua turnê *Sticky and Sweet*, que virá ao Brasil (RJ e SP) em dezembro

Bossa Nova é revisitada no seu cinquentenário

Por Charles Antunes Leite

Em 1958, o Rio de Janeiro era capital do Brasil e centro de ebulção cultural. Ano da conquista da Copa do Mundo na Suécia. Esperança de prosperidade prometida pelo presidente Juscelino Kubitschek. Nesse cenário nascia a **Bossa Nova**.

As músicas de “dor de cotovelo” e arranjos orquestrais, cantadas por vozes potentes deram lugar à sutileza melódica engendrada por Dick Farney e Johnny Alf, anos antes. Mas, somente no final da década de 50 tomaria corpo com os jovens da Zona Sul do Rio.

O grupo formado por: Tom Jobim, Carlos Lyra, Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli, Nara Leão e Vinícius de Moraes, entre outros; passou a se reunir para tocar influenciados pelo *jazz* e amparados na simplicidade da batida do violão e vocais sussurrados de João Gilberto.

Em 1959, o jornalista Sérgio Porto foi o primeiro a empregar o termo *bossa nova* para designar o estilo de tocar e cantar.

O marco inicial do movimento, o LP *Chega de Saudade* de João Gilberto, traz na letra da canção *Desafinado*, a expressão utilizada por Porto.



Jobim gravou com Frank Sinatra, Gilberto com Stan Getz; e vários componentes do grupo participaram do show em 1962 no *Carnegie Hall* em Nova Iorque, para divulgar a nova música.

Depois vieram Eumir Deodato, Sérgio Mendes, Marcos Valle, Moacir Santos e muitos outros - acrescentando elementos regionais e estruturas harmônicas ao estilo. Aquela música ganhou o mundo, e é apresentada hoje repaginada por artistas como Fernanda Porto, Bossacucanova, Celso Fonseca, Fernanda Takai e Paula Morelembaum.

De Beatles a Burt Bacharach, vários estilos e artistas já receberam versões em ritmo de bossa.

Em 2008, ocorreram eventos para celebrar o cinquentenário: *Bossa Nova 50 Anos*, patrocinado pela Light/Eletróbrás e promovido pela produtora Solange Kafuri, contou com vários artistas daquela geração e novos talentos da MPB.

João Gilberto em apresentações concorridas; Caetano Veloso e Roberto Carlos juntos, interpretando clássicos da época. Além da mostra *Bossa'50*, promovida pela Rádio Eldorado FM, no Pavilhão da Bienal; a exposição multimídia *Bossa na Oca*, e o filme *Os Desafinados*, que retrata o movimento.

Aos 50 anos, a bossa continua nova.

Cartaz do filme *Os Desafinados*

Com direção de Walter Lima Jr, a comédia romântica retrata a década de 60, quando um grupo de músicos e compositores parte para Nova York, em busca de sucesso e criam a *bossa nova*

Elenco: Rodrigo Santoro, Selton Mello, Cláudia Abreu, Ângelo Paes Leme, Alessandra Negrini e Antônio Pedro



O surdo é um cidadão brasileiro
e tem pleno direito de ser bem
recebido em qualquer lugar.

Quando um americano ou argentino
chega ao nosso país, sempre
há um intérprete!

PROJETO LIBRAS É LEGAL



*“Adoro futebol,
mas acompanhar as
transmissões dos jogos
pela TV, assistir a jornais,
filmes e novelas é quase
impossível, pois não
possuem intérpretes.
Assim fica difícil
acompanhar a vida!”*

Jair Antunes é deficiente auditivo
e reside no bairro da Bela Vista em SP

A aposentadoria dos toca-discos

Por Paulo Cabral

A tecnologia influencia a vida dos DJs e acarreta mudanças nos aparelhos para discotecagem

Os DJs (*Disc-Jockeys*) são os profissionais responsáveis pela trilha sonora de uma festa ou evento, direcionando gêneros musicais específicos que dependem de um determinado público-alvo. A tecnologia tem influenciado na maneira como esses profissionais executam seu trabalho. O vinil, CDs e recentemente, arquivos digitais como o MP3, compõem o acervo dos DJs. Dependendo de qual aparato o profissional escolhe para produzir seu *setlist*, pode ser usado o vinil, o CD ou outro tipo de arquivo digital.

Iraí Campos foi o primeiro *Disc-Jockey* a lançar uma loja com equipamentos específicos para a profissão, e oferecer cursos para os futuros profissionais, em 1987 e 1988, respectivamente.

Com 49 anos, Campos atua na área desde os 16, e tem 33 anos de carreira. Atualmente, é proprietário e comanda o som da casa noturna *The History*, que embala as noites com músicas eletrônicas das décadas de 70, 80 e 90.

Tanto tempo de carreira fez com que Campos acompanhasse de perto a evolução da tecnologia dos aparelhos usados. “Quando comecei na profissão, os toca-discos nem “pitch” possuíam, para alterar a velocidade das músicas e colocar uma faixa na batida da outra”, esclarece ao explicar algumas das dificuldades.

Ele chegou a parar de atuar como DJ, porque as novas músicas eletrônicas não lhe agradavam. Eram muito instrumentais.

Depois de um tempo, ele recorda que foi convidado para trabalhar em uma casa noturna.

Nessa ocasião, os novos aparelhos para discotecagem o ajudaram a tocar da maneira que gosta: “A tecnologia me ajudou bastante a tocar do meu jeito. Misturar o novo e o antigo, usando o vinil e o MP3”, explicou.



Iniciando a carreira

Graças às novidades do mercado, Campos acredita que futuramente as mídias físicas, como o vinil e o CD, serão extintas. “Hoje você tem aparelho que proporciona o uso de vinil e que capta o MP3 pelo PC. Você também tem rapidez para buscar músicas, separando por estilos ou BPMs (batidas por minutos)”, explica o DJ.

Em relação aos CDJs e tocadores de vinil convencionais, ele ressalta: “O aparelho Serato é bem usado, e ninguém tem reclamado que ‘fica na mão’. Se você tiver um bom computador com esse aparelho, dará tudo certo”, e com bom humor, opina em relação aos profissionais que usam CDs para discotecar: “Os caras andam com umas pastas volumosas. É melhor carregar vinil. O DJ quase não consegue ‘se achar’ naquilo”, brinca Campos.

Vale ressaltar que hoje em dia não existe mais preconceito em relação aos profissionais que não usam vinil como ferramenta de trabalho: “O próprio DJ Marky, que disse que nunca usaria outras tecnologias, já aderiu ao Serato”.

Questionado sobre como os futuros profissionais aprendem no curso da *Fieldzz*, ministrado pelo próprio, Campos diz: “Hoje o aluno aprende a tocar nos dois aparelhos, mas muito pouco no vinil. Perdemos uma aula, para apenas lembrar ‘um dia eu usei o toca-discos’, mas tenho certeza que ele irá discotecar mais com o CD. A maioria das casas nem toca-discos tem”.

Marisa Oliveira, conhecida como Miss Má, atua há pouco tempo na profissão, e tem como ponto forte discotecar o gênero *indie-rock*. Aos 33 anos, e trabalhando há dois como DJ, Miss Má costuma carregar um *case* com cerca de 600 CDs.

A escolha do repertório depende do freqüentador da casa onde trabalha. “Já toquei em várias casas noturnas como: *Fun-house*, *CB* e *Astronette* onde o gênero é *rock*.”

Já no *Vegas* e no *Glória*, costumo usar mais sons eletrônicos, conhecido como *electro-rock*. “Tudo depende do local”, diz Marisa ao explicar o motivo pelo qual carrega tantos CDs.

No começo da profissão, ela aprendeu a tocar no CDJ, e só o usa para discotecar. Entretanto, não se arrepende da escolha: “No rock vale a seleção. Eu teria que carregar pelo menos uns mil discos de vinil, o que seria impossível”, explicou.

Existe uma mudança latente nas aparelhagens de alguns *Disc-Jockeys* na hora da discotecagem: “Pelo que eu tenho visto o pessoal está migrando para o laptop”, e ressalta, de maneira descontraída: “Quem sabe um dia eu chego lá”.

A DJ Miss Má lembra que não sofre preconceito por tocar com CDJ, mas alega um outro motivo peculiar para isso: “Não sofro preconceito porque não me considero profissional, mesmo depois de quase três anos discotecando”.

“O que vale para mim é a diversão”, afirma Marisa, que além de DJ, também é professora de inglês.

Iraí Campos é proprietário e comanda o som da casa noturna *The History* na Vila Olímpia, embalando as noites com músicas eletrônicas das décadas de 70, 80 e 90



Imagem: Paulo Cabral

Musicoterapia recupera a saúde e vitalidade

Por Cristiane Peixoto

Técnica usa elementos da música para tratamentos do corpo e da mente

O poder que o som tem sobre o ser humano existe desde os primórdios da civilização. Há centenas de anos, os indígenas já utilizavam a música em seus rituais de cura. Foi pensando nessa influência que médicos americanos criaram a Musicoterapia.

O tratamento surgiu na década de 40, durante a Segunda Guerra Mundial, por meio de um estudo feito com veteranos de batalha.

Médicos de Michigan, nos Estados Unidos, fizeram um teste com duas turmas de ex-combatentes, entre eles haviam amputados, e até neuróticos de guerra.

Metade dos pacientes tiveram, de alguma forma, durante sua internação, contato com a música e apresentaram melhora tanto na saúde, quanto na qualidade de vida. Em contrapartida o grupo que não sofreu o mesmo tratamento, obteve recuperação mais dolorosa e lenta.

A terapia musical, nome usado até então, chegou ao Brasil em 1968, a partir da criação da Associação de Musicoterapia do Rio Grande do Sul. Em 1971, surge no Paraná um curso de especialização, e no ano seguinte o primeiro de graduação universitária é criado no Rio de Janeiro.

Saúde e bem-estar

Na terapia feita com elementos musicais o paciente tem sua percepção e criatividade estimuladas, e conforme o grau de relaxamento atingido, o profissional tem melhor acesso aos sentimentos, pensamentos e sensações desse indivíduo.

Existem dois métodos que são indicados dependendo do problema diagnosticado: o interativo e o receptivo.

No tratamento interativo, a pessoa tem contato direto com os sons por meio de instrumentos musicais (eletrônicos, mecânicos ou da natureza). Usa-se muito o corpo e a voz.

Já a sessão de terapia receptiva é indicada para pacientes em estado terminal, em coma ou durante o pós-operatório. Como não podem interagir, devido a restrição de mobilidade, eles recebem estímulos de músicas e sons transmitidos pelo terapeuta. Os resultados são monitorados por aparelhos ligados ao corpo.

A Musicoterapia é indicada para qualquer tipo de doença e geralmente trabalha em conjunto com a psicologia, psiquiatria e fisioterapia.

Segundo Maristela Smith, 56, coordenadora do curso de Musicoterapia da FMU de São Paulo, o método estimula a parte “boa” do cérebro, o que resulta em uma resposta positiva também do corpo. “Não há restrição de idade, sexo ou patologia. Todo cidadão tem um histórico musical desde sua gestação, e é por isso que a música pode ser benéfica para a cura de qualquer mal”, explica Maristela.

Na faculdade onde são atendidos cerca de 30 pessoas por mês, a supervisora da clínica, Mary Elza Penna, 49, cita alguns casos atendidos atualmente pelos estagiários do curso: “Nossos principais atendimentos são na área de neurologia. São crianças com paralisia cerebral, *Síndrome de Down*, idosos com *Mal de Parkinson* ou que sofreram derrame.”

A profissão

O estudante de Musicoterapia tem que conhecer profundamente teoria musical e saber tocar pelo menos um instrumento. Entre as disciplinas do curso estão anatomia humana, filosofia e sociologia. O curso tem duração de quatro anos e o estagiário ou profissional pode atuar em escolas, empresas ou clínicas musicoterápicas.

Existem no Brasil apenas oito cursos de graduação na área, todos reconhecidos pelo Ministério da Educação.

A terapeuta musical Cláudia Dreza, 30, relata uma das dificuldades de quem trabalha na área: “A Musicoterapia ainda é muito desconhecida e a falta de informação sobre o assunto gera desconforto até mesmo com outros profissionais de Saúde. Fiz uma proposta de parceria com uma psicóloga e ela recusou porque achou que eu iria roubar seus pacientes”.

Apesar do reconhecimento do curso, a profissão ainda não é regulamentada pelo Governo Federal. Atualmente existe um abaixo-assinado para pedir, mais uma vez, ao presidente Luis Inácio Lula da Silva, a regulamentação.

Mas, vale lembrar que Lula vetou o projeto aprovado pelo senado neste ano.

Mary Elza Penna,
supervisora da
clínica de estágio
em Musicoterapia
da FMU



Sala de atendimento em Musicoterapia da FMU

Por Elisângela Moraes

Leci Brandão e Grupo Senzalas

No próximo 20 de novembro será comemorado o *Dia da Consciência Negra*. Esse dia foi escolhido por coincidir com a morte de **Zumbi dos Palmares**, em 1695.

Para comemorar a data, a compositora e intérprete Leci Brandão se apresentará no ginásio do *Sesc Ipiranga*, às 20h. A participação especial será do Grupo Senzalas, formado por Amadeu Cavalcante, Joãozinho Gomes e Val Milhomem.

Serviço:

Preços: R\$ 20 (inteira); R\$ 10 (usuário matriculado no Sesc e dependentes, maiores de 60 anos, estudantes e professores da rede pública e R\$ 5 (trabalhador do comércio e serviços, matriculados no Sesc e dependentes).

Endereço: Rua Bom Pastor, 822, Ipiranga - São Paulo - SP
Telefone: (11) 3340-2000

Dani Black

Filho de Tetê Espíndola e Arnaldo Black, Dani Black teve grande influência dos pais. Entre suas principais qualidades, pode-se destacar a técnica e improvisação como guitarrista e violonista, além do cantor ser um instrumentista de qualidade.

Ele se apresenta no *Ao Vivo Music* com repertório formado por composições próprias cheias de *swing*.



Dani Black

Serviço:

Dia 26/11 - Quarta-feira

Horário: às 22h

Preço: R\$ 15

Endereço: Rua Inhambu – 229, Moema

Telefone: (11) 5052-0072

Ensemble Brasileiro Bissamblazz

O último espetáculo do ano no *Theatro Municipal* será liderado pelo baterista e percussionista Magno Bissoli e contará com a participação especial do compositor e instrumentista Francis Hime. O grupo instrumental formado em 1993, conta hoje com 19 integrantes e encerrará a série *Matinê no Municipal*.

Serviço:

Dia 29/11 - Sábado

Horário: às 16h

Preço: de R\$ 5 a R\$ 10

Endereço: Pç. Ramos de Azevedo - s/n, Centro

Telefone: (11) 3222-3022 / Bilheteria: 3397-0327

Música pelo videogame

Por José Renato Cordoni Jr.

No dia 27 de outubro foi lançado *Guitar Hero World Tour*.

O game chega às lojas repleto de novidades. Além da inclusão de bateria e microfone, será possível aos *gamers* comporem suas próprias músicas, sem vocal, e compartilhá-las por meio da comunidade *online Guitar Hero Tunes*. Isso graças ao *Music Studio*, que será um modo do jogo de criação e edição musical.



Imagem: Divulgação

O músico Kaique Falabella de 19 anos, integrante da banda independente *Veterans*, faz suas ressalvas a esse novo modo: “Na verdade a pessoa não vai criar uma música, mas sim remodular sons que já existem no jogo, e isso não é compor”.

Já o jornalista Alexandre Inagaki fala sobre a possibilidade de boas músicas surgirem com o game: “Uma pessoa com talento, fará música boa no *Music Studio*, com caixinha de fósforo, tampa de panela ou em qualquer outro lugar”.

Serão 86 músicas vindas de bandas como *Van Halen*, *Linkin Park*, *Foo Fighters*, entre outras. Além de um pacote para *download* com nomes de peso como *Oasis* e *Smashing Pumpkins*.

Guitar Hero World Tour chega ao Brasil no início de dezembro como uma ótima opção para presente de Natal. O jogo sairá para as plataformas PS2, PS3, XBOX 360 e Wii.

Música se aprende na escola?

Por Kamila Garcia

A graduação em música exige conhecimentos sobre instrumentos e canto. Geralmente o aluno passa por uma prova de aptidão no vestibular, em que são avaliadas capacidade técnica e habilidade musical.

A matriz curricular é composta por disciplinas como história da música, fisiologia da voz, canto, acústica, percepção musical, tecnologia, entre outras. Esta estrutura possibilita ao aluno ferramentas necessárias para atuar em todos os campos, seja como instrumentista, arranjador ou produtor musical.

O aluno do 2º semestre de música da Universidade Anhembí Morumbi, Wagner Rodrigues, que depende da voz para cantar em bares da região central de São Paulo, ingressou para agregar habilidades em seu trabalho. “Sentia dificuldades de respiração ao cantar, e hoje me sinto preparado para usar minha voz durante horas”, exemplificou.

O profissional pode atuar em diversas áreas. Cantores e instrumentistas podem fazer parte de corais ou reger orquestras. Ainda pode trabalhar em estúdios de gravação, edição ou lecionar tanto em pré-escolas quanto no ensino superior e conservatórios.

Instrumentos? só pro pessoal lá de casa

Por Tarcila Zonaro

Para fazer qualquer coisa, o ser humano precisa ter curiosidade e interesse. Curiosidade em saber como o mundo funciona e interesse para transformá-lo.

Em toda a sua vida profissional, o aposentado Osvaldo Rodrigues Lopes, usou a curiosidade a seu favor e transformou seu trabalho como metalúrgico uma verdadeira obra de arte.

Para cada peça produzida, ele criava nova estrutura e engrenagem.

Apaixonado por música, se casou e teve dois filhos. Ambos herdaram a paixão musical e ganharam instrumentos na adolescência. Daniel, o mais velho, ganhou um violão feito pelo próprio pai. O segundo filho, Ezequiel, ganhou uma guitarra e juntos, disseminavam *hits* do Elvis, Gene Vincent, entre outros astros do *rock* dos anos 50, pela cidade de Americana, interior de São Paulo.

Duzentos e noventa e sete anos separam a morte de Antonius Stradivarius, famoso *luthier* italiano, e o nascimento de Lopes, em 1945. Stradivarius foi discípulo de Niccolò Amati, com quem aprendeu a arte inconfundível de fazer instrumentos de corda, como violinos, violas e violoncelos, contra-baixos, violões e harpas.

Na era moderna, Lopes fabricou contra-baixos acústicos, violões, clarinetes, entre outros instrumentos, mas sempre deixou bem claro que: “é só pro pessoal de casa”.

“Já ofereceram R\$ 5 mil para eu fabricar um baixo, mas eu não vou conseguir fazer por dinheiro”, declarou o *luthier* de 63 anos, que ainda afirmou que mostra a sua arte por meio das apresentações do filho: “Quando o Daniel toca com suas bandas, um pouquinho de mim também aparece no palco e isso já me satisfaz”.

Aposentado há 9 anos, Lopes criou uma minifábrica em sua casa. Lá estão instalados um torno e todo o ferramental necessário. E é lógico que ele também faz diversos móveis para a sua residência, como por exemplo um baú de cerejeira para o neto de 8 anos guardar os brinquedos e o cavaquinho.

A pedido do filho Daniel, que toca em duas bandas de *blues* nos mais variados bares de Sampa, Osvaldo fabricou um estiloso baixo acústico, que faz sucesso por onde passa.

Lopes, que é autodidata, desenvolveu o interesse em trabalhar com madeira ao ver seu avó Joaquim produzir móveis no interior do Paraná, na década de 50.

Todos são aprendizes

Um artifice experiente é aquele que adquiriu uma habilidade

Um mestre é aquele cuja habilidade se tornou criativa

Antigo provérbio Alemão

Luthier: palavra francesa que se refere ao fabricante de instrumentos de corda





AUDITIVO seu conteúdo musical 